

Pão Nosso...

Porto, 27 d'Abril de 1910.

N.º 2

SUMMARIO:

- I — O DR. REIS SANTOS, SALVADOR DO MUNDO.
- II — Á COMISSÃO ACADEMICA DO CENTENARIO.
- III — CRISE DE LADRÕES.
- IV — O GRAN-MESTRE DA MAÇONARIA.

O dr. Reis Santos, salvador do mundo

Uma definição. — O dr. Reis Santos, primeira figura da historia contemporanea. — A republica, um rotulo. — Lição de Greef. — O dr. Reis Santos ajudando a reacção.

Noite clara e fria; pingavam as nove. No patamar do Ate-neu tropecei com um amigo.

— Vaes ouvir o Reis Santos? — investigou elle.

— Podera! — repliquei. Vou cevando esperanças de pastar ideias. Um tema como este: *A crise nacional; soluções novas!*

— Pois alimenta as ilusões com enganos. O chá do Tolentino de tanta fervura deve estar nas-borras.

Entrámos. Assistencia reduzida. Algumas sobrecasacas, arvasio de diplomatas em serviço.

Chegada do conferente. Um cavalheiro da estatura regular dos passaportes, talhado em magresa como um movel arte-nova, rosto mongoloide, côr a dizer com as feições. Frase sem elegancia, a espaços picada duma nervura de desdenhoso humor, gesto desasado, voz de mau timbre.

Ouvi-o. Ia pastar ideias. Saí de lá vexado!

Por mim, pelo conferente e pelos tenros bifes ideaes, que tinham a curtidura das palmilhas revelhas.

S. Ex.^a não sacolejava na bagagem solução alguma. Para propagandista falece-lhe a ardencia e luminosidade do verbo que cria adeptos e gera convictos; para Messias não possui doutrinas; para dialectico não ata as suas deducções ao fio da logica.

De si disse não ser timido nem imbecil. Quem o acusa? Sobram-lhe audacia e talento. E como a quem assim se apresenta, repugnam as meias tintas insidiosas, a mirra barata da lisonja, podemos julgá-lo sem biôcos de disfarce.

Definição :

O sr. dr. Reis Santos é, por temperamento ou por causas psicologicas, um grande orgulho mental em busca duma popularidade... que se recusa a segui-lo. Leva o tempo semeando apparencias demolidoras, com tassalhos dum falso anarquismo.

Na realidade secunda a propaganda reacionaria, sob uma forma subtil e requintadamente jesuitica. Espalha sombras.

Sofre duma hipertrofia do *eu*. Dois terços da conferencia arrastou na historia da sua vida. Parecia um plagio ensôso das *Confissões* de Rousseau.

Contou como fôra elle a alma da agitação patriótica do Mondego para cá, a seguir ao *ultimatum*; como creou a Liga Patriótica do Norte; como ali só elle tinha ideias; como descobriu Antero do Quental aos academicos que o desconheciam; como o foi buscar; como o congresso das academias de que fôra a cabeça, era a sintese do *movimento nacional*; como levou os academicos a Madrid; como, filiando-se no partido republicano (1894-95)

projetara realizar um congresso que pôria ás canhas o concilio de Trento e a Convenção!

A meio caminho, haviam-se-me tresmalhado as noções do tempo e do espaço. Via o conferente para além do seculo XII, desenfaixando a nacionalidade portugueza, cuspiendo povos, organisando a celula, sentado á mão direita de Deus Padre emquanto a musica das esferas rolava harmonias pelo Infinito.

A violenta rajada daquella vaidade em furia, apiedou-me. Se cada um toma a agua benta que quer, o dr. Reis Santos bebeu os mares do diluvio universal.

Não foi elle — como asseverou — o creador da *Liga Patriótica do Norte*. No famozo comicio do Principe Real, a comissão convocadora não trazia nenhuma ideia organica. Foi o actor Miguel Verdeal que a propoz dum camarote.

Não foi elle — como asseverou — o revelador d'Antero á Comissão academica. Era esta formada pelo escol dos estudantes, com preocupações jornalisticas, literarias, e scientificas. Cito nomes: Diniz Neves, João Novaes, Eduardo de Souza, João d'Oliveira Ramos, Carlos Pinto, Custodio Ribeiro, Serrão d'Azevedo, etc.

Não foi elle só — como asseverou — buscar Antero. Foram João Novaes, Eduardo de Souza, na companhia do snr. Luiz de Magalhães e de Joaquim Gonçalves, o director da *Provincia*.

Não faliu a Liga Patriótica do Norte — como asseverou — pela velhice d'Antero. As manobras monarchicas, o vicio de nascer sem character politico, e as intrigas d'Oliveira Martins que dominava Antero do Quental, é que a estrangularam.

Ninguem deu pela sintese do movimento nacional no Congresso das Academias, que nada deixou. Os estudantes que a Madrid se dirigiram, não comungavam nas ideias abstemias em politica, que o dr. Reis Santos professava e professa.

Levavam um fto definido. Foram *jacobinar*, e pelas residencias de Salmerón, Pi y Margall, Labra, etc. passaram, buscando interessar os chefes republicanos espanhoes no movimento republicano portuguez que se acentuava.

Mas o abalo patriotico d'então tomou corpo concreto, teve

seu remate, logico, necessario,— o unico. A revolução republicana de 31 de janeiro, a que o dr. Reis Santos se não referiu, para lhe não filiar as causas. Porque ao examina-las, deitaria num sopro por terra as arengas que anda prégando sobre um *movimento nacional* hermafrodita que ninguem fecundará.

Até aqui erros de facto.

Agora a parte construtiva.

*

* * *

Afirmações do sr. Reis Santos: Monarquia e Republica são apenas dois rotulos. Politica e politicos — tudo secundario.

Salva-se a Patria organisando um movimento nacional. Delle vae ser orgão o congresso, nacional tambem, acima de todas as politicas, a realisar em Lisbôa. D'ahi rompe um progama. Oferecem-no a todos os partidos, e aquelle que aceitar, esse nos salvará da ruina inevitavel.

Tiremos as conclusões encerradas nessas premissas.

Se a Republica é um rotulo, nós todos, republicanos, ou armamos em tôlos, ou velhaeos. Tôlos, se não descobrimos a inanidade da taboleta: velhaeos, se por um letreiro arrastamos o paiz a uma agitação profunda, a um movimento revolucionario, a sacrificios, a impetos heroicos.

O elixir, a verdade absoluta, «a chave de todos os problemas,» guarda-se nos camarins do pensamento do sr. Reis Santos. Como parodia aos processos de João Franco que trazia a nossa felicidade na mão, e á bruta tentava fazer-nos felizes, o sr. Reis Santos é caricato.

O dilema que nós concede, simples e claro se apresenta: ou asnos, ou criminosos.

Irritou-se o snr. Reis Santos em bater de chapa na opinião geral na nossa terra: que é preciso neste momento ser-se monarchico ou republicano. E verberou o facto.

Mas como sabe, as doutrinas e crenças politicas, fazem sempre parte duma estrutura social geral; são determinadas pelas

condições do meio externo, isto é por todas as propriedades ou forças físicas, e por todas as propriedades ou forças das unidades biologicas humanas; como parte integrante duma estrutura geral, jogam coordenadas com as outras partes da mesma estrutura.

Se no nosso paiz domina, portanto, a opinião que atraz apontámos, e que tanto o envinagrou, é que ella é expressão duma necessidade coletiva, nacional. Quer investigar os fundamentos dessa necessidade? Pois atenda ao que acaba de se produzir na questão Hinton; medite a historia do nosso constitucionalismo, e achará.

Demais, na conferencia, dissolveu mal a jerarquia dos phenomenos sociaes, que tomou com duas ideias vagas de Guilherme de Greef. Esses phenomenos que crescem em complexidade, a) economicos, b) geneticos, c) esteticos, d) de psicologia coletiva, e) ethicos, f) juridicos, g) politicos, correspondem a determinados órgãos sociaes. Os factores ultimos, os superiores, são os mais complexos. Logo, são os órgãos correspondentes mais complicados, de maior delicadeza, exactamente como a sciencia a que elles tocam — a politica — a mais elevada em categoria.

Taes factores, organica e funcionalmente, uns dos outros dependem, uns aos outros se ligam, uns sobre os outros agem e reagem. Não se isolam na vida das nações. Ora os órgãos dos phenomenos sociaes superiores servem de reguladores aos das outras categorias subalternas, e estes por seu turno condicionam aquelles. Equivale a dizer que os órgãos politicos constituem o fecho.

Querer, por consequencia, *um movimento reconstrutor da nacionalidade*, sem politica, é enunciar um absurdo na teoria e na pratica, um não-senso historico e scientifico.

Deixa á margem o problema primacial e mais difficil, amputa á sociedade uma parte superior da sua existencia, assim como a reedifica sem cidadãos.

Corta a cabeça ao doente, para o curar.

E' que, snr. Reis Santos, monarchia e republica não são rotulos, são sistemas, e se na nossa terra ainda lhe quer con-

tinuar chamando rotulos, diga ao menos que sob o rotulo da monarchia se come, e sob o de republicanos se padece e luta pelo direito.

A quem servem as ideias do sr. Reis Santos? Aos reacionarios e monarchicos que applaudem, porque visam a derivar os esforços dos republicanos da peleja em que andamos empenhados. Já em mais dum momento de crise nos gritaram: — «Deixem-se de politica» — porque deixarmo-nos nós da politica é garantir-lhes o regime de infamias, e d'impunidade, em que vivem.

Em mais dum lance nos convidaram a enrolar as bandeiras partidarias e realisar o famigerado movimento nacional, palavra sonora que encobre uma vacuidade.

Entrementes, seguiriam mastigando e digerindo.

Porém a formula do sr. Reis Santos, duma sagacidade jesuitica, aqucar em fio, tingem-se de colorido modernista.

Afiçou nos que como educador se propunha «fazer homens livres que depois possam ser reacionarios, monarchicos, republicanos, etc.»

Fabricar homens livres para a seguir perderem a liberdade, é das que ficam! Calinada genial que o conde da Ponte de Santa Maria, inventor dos circulos bicudos, gravaria o buril.

*

* *

A' saida, de braço com o meu amigo, suspirei: — Noite perdida!

— Não. Este achado dum pedagogo anarquista a educar gente liberrima para escravos, vale um dinheirão. Vou tirar registo da marca.

— E as soluções novas?

— Perdidas pelo caminho. A não ser aquella do congresso formulando um programa, pondo-o em leilão, para vêr se os partidos cobrem o lanço. Vem de lá o Franco, deita-lhe em cima a fortuna dos Palavicini, e temos homem. Diabo de concepção! O

Franco era um Messias á procura duma ideia, estes trazem ideias á procura dum Messias.

Houve um imperador romano que expulsou os sofistas de Roma...

— Não sejas barbaro.

— Bem sei. O Cesar desculpa-se. Devia ter sido atracado por algum programa.

— E a *crise nacional*?

— Tu queres dizer: Um orador nacional em crise.

À Comissão Académica do Centenario

Porque não fui á festa. — Antero d'Araujo, presidente d'entruado e sácristão do Conde. — Um rasgo de genio do governador civil. — Alexandre Braga. — Os que faltaram no cortejo.

MEUS SENHORES

Sabado, ao descer a tarde, em carta a que só faltava o Deus Guarde V.V. E.Ex.^{as}, declinava á ultima hora o convite honroso que a Academia do Porto, por vosso intermedio me remetera, para ir pronunciar quatro palavras na sessão solene do teatro Principe Real. Justificando-me, escrevi que «motivos estranhos á minha vontade impediam» etc. etc.

Não falei verdade, pelo menos a verdade toda. Nunca ella se estampa em papeis officiaes. Seria fugir ás tradições.

Deixei de comparecer de caso pensado, refletidamente, deliberadamente. Vae fugido o tempo em que fervilhava por aguar festejos, espirrando corriscos. Já me começa a nevar na gaforina. Entro a amadurecer.

Se acaso me topasse no palco, entre tantos espiritos penteados, e tão decorativos senhores, desgarrava da trilha, estilhaçando a faiança e os cristaes daquelle banquete intelectual. Porque? Seguem as razões.

Presumia, e do meu futurar déra parte a correligionarios meus, que o sr. dr. Candido de Pinho, regente do municipio do Porto, se desculparia á ultima hora, e não iria assumir a presidencia da sessão. O sr. Candido de Pinho, apesar do seu delirio d'ostentação, sabe soffrear-lhe os impetos quando as circunstancias apertam.

Temeu-se de que algum jacobino, que os havia na assistencia vermelhos como papoilas, se amotinasse contra a presidencia do senador, que mais duma vez representando a cidade, tem feito o papel que os classicos diziam, de «coar mosquitos engulindo camêlos.» Já certa occasião, ao dar-se um comicio em defesa da municipalidade, no qual falaram vereadores, o sr. Pinho encóvou-se num prudente silencio, não ofertando ao publico as tafularias da sua palavra, nem do seu engenho, nem do seu garrido trajar.

Exactamente, acertando as minhas conjecturas, o snr. Pinho faltou.

Ora na ausencia delle, quem o substituiria? A camara do Porto é o baluarte mais tragico e aspero das encardidas praxes. Dona Pragmatica ali se acha tão á vontade, como nos salões dos arquiducos d'Austria, ou num conclave de cardeaes.

Logo, no seu impedimento e no rigorismo praxista, occupar-lhe-hia a cadeira o mais velho dos vereadores. E este era o sr. Antero d'Araujo, que nunca teve o bom senso de faltar. O sr. Antero é um homem que vae a toda a parte.

A presidencia do snr. Antero d'Araujo, num acto daquelles, considero-a uma obscenidade! Explico. Viceja no Porto um jornal reaccionario, orgão do jesuitismo, que por cano d'esgoto cloacino serve a todas as infamias da Reação. E' um professional da calunia e da mentira.

Ali se imprimem torpezas como as acusações a Guerra Junqueiro de gatunar não sei que trapicalhos. Ali se clasifica a auda-

cia nobilissima d'Afonso Costa, orgulho da minoria republicana, de fazer *chantage* na questão Hinton, precisamente no ponto em que elle expõe a propria vida ao assalto de qualquer assalariado. Naquelle montureira se babam as reputações de todos os meus correligionarios.

Mais: Ali se atiraram e jogam aos *liberaes*, insultos sobre injurias, chocarrices e lama, veneno e imundicies. Ali se exigem chacinas e sangue, tanto que transborde dos calices de todos os clerigos nas minas negras da Companhia de Loiola. Ali se enxovalharam com gaiatices os comerciantes portuenses, só porque elles se lembraram de honrar a memoria de Herculano.

E quem dirige, quem governa, quem cobre, este monte de bosta e ninho de escorpiões? Um fidalgo, a quem pela idade ninguem pode exigir responsabilidades, que na antecamara da morte anda abrindo um coval d'ignominias, o conde de Samodães, chefe das alfurjas clericas do norte.

Pois foi a este representativo, foi a este simbolo ulcerado, que a malta reacionaria, ha pouco (como no passado numero referi) ofereceu uma pena d'oiro, não sei se com o bico de radio. Cantaram-lhe hinos de louvor numa mensagem, incitando-o a proseguir!

E na comissão promotora, e nos que carregaram a recompensa, lá estava o sr. Antero d'Araujo! O sr. Antero d'Araujo, que no sabado vincou de escorralhas da sacristia a presidencia da sessão em homenagem a Herculano!

Já vêdes, distintos academicos, que eu não poderia falar, com individuo tal a fingir de representante do Porto.

Ao vê-lo dirigir-se para a mesa, protestava ruidosamente, gritava — fóra! — movia escandalo. Porque tinha certeza, a inabalavel certeza, de que centenas de correligionarios meus, que ao teatro acudiram, me acompanhavam, porque como eu pensam, como eu são irreductiveis, — o motim rebentaria.

Se o caso, apesar de tudo se não deu, foi por faltar apenas o primeiro impulso.

As sequencias do acontecimento facilmente se travam. Tumulto, quiçá a reunião dissolvida, e eu indo acabar o discurso

na esquadra de policia, onde já dei com os ossos por pecado venial, achar-me de contemplação á lua no largo de Fradelos.

Dessa maneira corresponderia, illustres academicos, ao vosso cortez convite, com uma descortezia. Querieis que a vossa festa se efetuasse, e iria desmancha-la. Pensaveis num jogo floral, acaso desandaria numa data de sabre. Fiquei-me em casa, respondendo á bisarria do vosso convite, com a gentileza da minha ausencia. E quites estamos.

*

* * *

Outra consideração ainda, reforçou a minha deliberação. As autoridades deviam refulgir as suas fardas e casacas no palco. Não entra no plano macio do atual governador civil, recusar a imponencia do seu cargo e dos seus milhões, a abrilhantar o acto — é assim que se diz no calão dos officios.

E eis ahi outro, contra o qual protestaria. S. Ex.^a permitiu-se excluir, duma homenagem que se diz nacional, e a que o chefe d'estado e o governo, posto que de mau grado, se houveram de associar, determinados cidadãos.

S. Ex.^a proibiu que das varandas da biblioteca falasse, no remate do cortejo, o dr. Alfredo de Magalhães. Temia acaso a proclamação da Republica, neste Porto que os da sua grei affiançam monarchico de gema? Ou negou-se a palavra ao caudilho republicano, para evitar que as multidões indignadas o linchassem?

O acto do snr. Pedro Araujo, sobre ser estúpido, torna-se mesquinho; refervem nas fezes vinganças e agravos pessoases. E sem arte se revela, pois que na mesma ordenança em que invalidava o dr. Alfredo de Magalhães, permitia que qualquer vereador da minoria republicana, o substituísse como orador.

E quedava-se na esperança de que haveria algum que quizesse discursar, levando carimbo do governo civil?! Mas porque será que certa gente goza da fama de habilidade e finura?

*

* *

Emquanto garatujava estas linhas, atravez dos intervalos em branco entrevia os sorrisos lorpas e maliciados de peçonha, daquelles que sóbem sempre além da chinela. Escuto-os de longe, apimentando comentarios e acastelando argucias que desfecham na conclusão: — «Ora isto é que são indirectas ao Alexandre Braga por ter orado na sessão solene!

O' puras e ingenuas alminhas, que baixaes das laudas do *Flos-Sanctorum* mais envisgadas do vicio que um condenado! Não são.

Curtos periodos necessito para o provar.

Alexandre Braga, ao tratar-se de goivar o jesuita, tem acima de todas as considerações, de honrar a memoria de seu pae, o masculino combatente, e de seu tio, alma heroica e generosa de «vate e cantor, poeta e tribuno». Honram-se os antepassados, seguindo-se-lhes as pisadas. As tradições da familia de Alexandre Braga requerem hombros largos, mas o herdeiro canta sob o fardo com a energica robustez dos vencedores.

Sobre tudo isso, Alexandre Braga, expressão soberana da eloquencia, mal começa a palavra a jorrar-lhe dos labios, desprende-se do mundo, sóbe lentamente em vôos harmoniosos até ao arranque gigantesco duma boca d'onde brotam dominadores, a fé, e o ideal.

Elle esquece então os grotescos, as miserias; nem coxos de rans, nem grunhidos silvestres o alcançam; os Anteros, as fardas costuradas d'avelorios, as contradições argamassadas nas humanas enfermidades escoam-se, rastejando na treva. E' o senhor a que ninguem contesta a soberania. Arrasta e subjuga. Elle vive em si, e os que o escutam, vivem nelle. Até que o torvelinho dum tremendo final, como o rôlo de vagalhões ui-vando na tempestade, pontua o clamor de triumpho, o grito duma alma: — Republica!

Recorda-se sem querer o magestoso terceto de Junqueiro

Grito d'alma naquella imensidade
Tão agudo espedi supitamente,
Que fez branca de dôr a Eternidade.

E agora, de vós me despeço; illustres academicos. Estou absolvido, não é verdade? Mas se um dia vos podér servir para uma sessão solene lá na Escola Medica, convidae-me. Nem os lentes, nem vós, nem eu, perderíamos o nosso dinheiro.

De V.V. E.Ex.^{as} At.^o V.^{or} e Agradecido

Segue a assinatura, reconhecida por tabelião.

*

* *

Nota em estilo telegrafico :

No regresso do cortejo. Simplesmente grandioso. Desdenho outros qualificativos, que podem encontrar nas gazetas do Porto.

O governador civil proibiu os vivas. Houve vivas á liberdade em todo o trajecto. Confirmação da finura do sr. Pedro d'Araujo.

Ausencia no prestito da mór parte dos inteletuaes. Está visto: Alexandre Herculano era um analfabeto.

Ausencia dos artistas. Está visto: Alexandre Herculano nunca soube o que era a arte com *h*, harte!

Ausencia no prestito dos vereadores da minoria republicana. Está visto... Não, não está visto. Vi, e não acreditei!

Sessão *oficial* na Biblioteca, só para 200 convidados de representação. Os convidados não compareceram. A sessão foi um desastre. O snr. Candido de Pinho, com tenesmo na garganta, limitou-se a uma lição sobre partos.

Parece que na nossa terra só o povo tem a compreensão dos seus deveres.

Crise de ladrões

A filosofia do socio de Hinton.—
Compra e venda.—Hersent, Mac-
Murdo, e a quadrilha.

Um episodio unico faltava á monarchia nova, para se irmanar á velha monarchia. Afonso Costa rasgou o derradeiro véo. A velha e a nova tem ambas a mesma idade.

A meio da enxurrada que já galga os diques, levanta-se, com sarcastico geito, um inglês. «Loiro, muito loiro, correto, muito correto» segundo a *interview* do *Imparcial*. A verdadeira impecabilidade no concerto e na côr duma libra esterlina, tilintando de fresco ao desenfardar-se das remessas de Hinton.

O bretão loiraça e frio, socio de Hinton, é Mr. Bradeley igualmente encharcado no humorismo peculiar da sua raça, que talvez seja loiro como a cerveja e correto qual *dandy* das gravuras d'alfaiateria. Assim Mr. Bradeley, escarninhamente ponderou :

«O que nos assombra é a facilidade que os portuguezes, teem em admitir que os outros os comprem.»

Não, Mr. Bradeley. Não se trata de portuguezes, só, a sêco. O caso diz respeito aos politicos da monarchia, que constituem uma casta áparte, falando, certo é, linguagem portugueza, mas que só teem uma patria — o Paço real.

Oh! Mr. Bradeley, a venalidade da casta, sabida a primor dos aventureiros da estranja, só aos outros portuguezes deixou amargos de bôca e escovadelas da algibeira. Aos politicos, são os traficantes lá de fóra que os compram, e elles vendidos, a nós nos vendem tambem.

Todos os regimens d'opressão, só se aguentam pelo mesmo processo. Com rios de dinheiro.

Quando Napoleão III quiz dar o golpe d'estado de 2 de dezembro, semeou luises. Comprou generaes, mercadejou coroneis, arrematou lotes d'oficiaes, e a dez francos por cabeça de soldado, teve tropas. Não lhe chegava para tudo, pediu emprestado a

Narváez, aquelle ditador espanhol da rainha Isabel II, o qual aos instintos de fera aliava a perspicacia de chatinar consciências.

João Franco, que só teve de grande provocar a tragedia de fevereiro, tambem queria comprar, se tempo lhe déssem. Começou pelo rei, propondo o aumento da lista civil. Que foram os adeantamentos? Compras da benevolencia regia.

Um dia o empreiteiro francês Hersent, para efectuar, por um preço desmarcado, de ganhos larguissimos, obras no Tejo, encheu o mercado de cedulas do seu negocio. Chamaram-se os *bonds-Hersent*. Quem não se recorda das acusações da imprensa ás *lamas do Tejo*?

E que eram os *bonds*! Titulos mascarados de compra dos austeros politicos e ganhões que o deviam ajudar.

Chega o coronel americano Mac-Murdo, que, provavelmente nunca fôra nem tambor de regimento. Oferece ao governo portugês um negocio maravilhoso: construir *de graça* a linha fereea de Lourenço Marques a Pretoria, apenas com umas pequeninas concessões.

Tão maravilhosa parecia a oferta, que vacilaram na accitação. Mas o coronel, matreiro, conhecia a casta dos politicos. Desatou a comprá-los. Quando a questão Mac-Murdo teve de ser levada ao tribunal de Berne, no *Apendice á replica apresentada pelo governo dos Estados Unidos*, oferecida por Mr. Trelane ao tribunal arbitral, lê-se que o coronel fizera distribuições de dinheiro pelos politicos, desta sorte:

— Ao barão de Costa Ricci, agente financeiro de Portugal em Løndres, 1:200 libras (*nom*);

— Ao chefe do partido regenerador Antonio Serpa Pimentel, 7:700 libras (*nom*);

— Ao mesmo, por outra vez, 10:500 francos;

— A Oliveira Martins. 10:000 francos.

— A Ressano Garcia, 10:000 francos;

— A Souza Gomes, engenheiro, socio do anterior, 30:000 francos.

E nós colhemos, afinal de contas, uma sentença em Berne.

que nos condenou a pagar a Mac-Murdo, a sovínice de 6:171 contos em oiro!

O mais honesto e desgraçado da historia é que todos os políticos acabam por morrer pobres, e que o parlamento ainda vota pensões ás viúvas, como ás de Serpa Pimentel e ás de Hintze Ribeiro. O primeiro, que em vida foi agente do banqueiro Burnay, o segundo do banqueiro Mayer!

Para que lembrar o negocio dos tabacos, o de amoedação da prata, o das farinhas? Para que recordar o caso da *outra metade* que levou Mariano de Carvalho, 20 annos volvidos sobre o successo, a escrever no *Popular*: «O verdadeiro homem da *outra metade* foi exactamente o sr. conselheiro Luciano de Castro»?

José Luciano de Castro, nos tempos d'ostracismo da *coligação liberal*, a si proprio se vendia para a presidencia da republica. A conversa travada entre *O Popular* (Mariano de Carvalho) e *O Tempo* (Dias Ferreira) durante o anno de 1898 pita-deava o assunto: — *Presidencia da Republica com 50 contos*.

Em face do ultimo sudario que começa a desenrolar-se, ha ainda quem nos proponha a politica construtiva. Ha quem tente levar o partido republicano, a esgotar-se na conquista pacifica de liberdades illusorias.

Mostrem a sua capacidade administrativa, patenteiem seus talentos de governo, — instam os nossos adversarios! E enquanto o partido republicano arrojaria todos os seus tesouros de actividade corajosa, e de consciencia da sua superioridade, num atalho entaipado, — o sistema constitucional venderia a retalho, como um futre de pesos falsarios, o derradeiro osso da patria. A investida lapidar de Alexandre Braga, que lhe valeu a expulsão das côrtes, alcunhando o regimen de «Falpêrra de manto e corôa,» tem graudesia demasiada perante o que presentecemos

Não é Falpêrra, é balcão. Não ha salteadores na estrada, ha vendilhões na tenda. Não saem á noite de bacamarte aperado, o que representaria arriscar a vida contra o revólver dum assaltado que se defende. Surripiam carteiras.

Os fidalgos da cevadeira do rei alugam a sua influencia aos Barnuns de todas as nações, que sabem pesar o pondunor na cuia duma balança, equilibrando-a com oiro em notas, oiro em barras, oiro em moeda, oiro em deshonra.

Para nos legarem uma descendencia de ladravazes, os generaes de D. Pedro IV á bocca das peças afrontavam as estilhas das granadas. Os gentis-homens do Paço, hoje, sabem apenas esparrinhar-se de lodo.

O gran-mestre da maçonaria

O nosso correigionario, snr. dr. Magalhães Lima, publicou uma carta nos jornaes, em que attribuia a equivoco meu, ter elle assistido á missa que o padre Lourenço de Matos resou nos Jeronimos por alma de Herculano.

Não foi por equivoco. Tanto o *Primeiro de Janeiro*, como o *Jornal de Noticias*, desta cidade, em seus numeros de 29 de março, na secção telegrafica de Lisboa, noticiavam a assistencia ao acto, do sr. dr. Magalhães Lima, na companhia dos srs. Consiglieri Pedroso, Almeida Lima, Rozendo Carvalheira, dr. Alfredo Cunha, Moreira d'Almeida, Agostinho Fortes, Reis Santos, Borges Grainha, Brito Aranha, etc.

Desmentido algum até á data, os periodicos inseriram. Tomei a facto por confirmado, visto o silencio dos que nas gazetas se apontaram.

Estranhei-o. Que á minha estranhesa sobejavam motivos, prova-o a retificação urgente do sr. dr. Magalhães Lima.

Ainda bem, que não quiz entrar, e ficou á porta.

